


## MULHERES NA CIÊNCIA: AS CIENTISTAS DAS ACADEMIAS PERNAMBUCANAS

*WOMEN IN SCIENCE: THE SCIENTISTS OF PERNAMBUCANAS ACADEMIES*

**Josefa Martins da Conceição** 

Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS  
Porto Alegre, RS, Brasil  
[cmartins3012@gmail.com](mailto:cmartins3012@gmail.com)

**Juliana Carvalho Pereira** 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS  
Porto Alegre, RS, Brasil  
[julinapereir@gmail.com](mailto:julinapereir@gmail.com)

**Maria do Rocio Fontoura Teixeira** 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS  
Porto Alegre, RS, Brasil  
[mrfontoura@gmail.com](mailto:mrfontoura@gmail.com)

**Resumo.** Este artigo tem como objetivo construir e revelar, a partir de documentos escritos, as trajetórias profissionais das cientistas da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma, da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária e da Academia Pernambucana de Química, destacando suas contribuições na produção do conhecimento e suas relevâncias para a história das Ciências em Pernambuco. Como procedimento metodológico, utilizou-se a análise dos registros documentais das cientistas no acervo de cada Academia, tomando por base as fontes primárias, os documentos oficiais: estatutos e regimentos, atas impressas e eletrônicas e perfil biográfico. Complementam essas informações a análise dos Currículos Lattes. Além de contextualizar e resgatar as trajetórias das pioneiras pernambucanas, este estudo traz à luz suas trajetórias de vida na década de 1940, quando ocorreu o ingresso das mulheres nos então redutos masculinos da Agronomia, da Química e da Medicina e, na década de 50, na Medicina Veterinária. A participação feminina nesses cursos aumentou gradativamente e, nos dias atuais, tem como diferencial o crescente número de alunas. Fica evidente que, na relação de gênero, a participação masculina ocupa o maior número nessas Academias. Nelas, são visíveis as ações dessas mulheres na conquista do espaço feminino na ciência em Pernambuco.

**Palavras chave:** Mulheres cientistas; academias de ciência; gênero; pernambuco.

**Abstract.** This article aims to identify the scientists of the Pernambuco Academy of Agronomic Science, the Pernambuco Academy of Veterinary Medicine and the Pernambuco Academy of Chemistry, highlighting their professional trajectories, contributions in the production of knowledge and their relevance to the history of science in Pernambuco. As a methodological procedure, it was used the analysis of the documentary records of the scientists in the collection of each Academy, based on the primary sources, the official documents: statutes and regiments, printed and electronic records and biographical profile. Complementing this information is the analysis of Lattes Curricula. In addition to contextualizing and rescuing the Pernambuco pioneers, this study reveals that in the 1940s, women were admitted to the then male centers of Agronomy, Chemistry and Medicine and, in the 1950s, in Veterinary Medicine. The female participation in these courses has gradually increased and, nowadays, has as a differential the growing number of students. It is evident that, in the gender relation, male participation occupies the largest number in these Academies. In them, the actions of these women in the conquest of the feminine space in science in Pernambuco are visible.

**Keywords:** Women scientists; academies of science; gender; pernambuco.

### INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e estiveram, portanto, excluídas das narrativas dos historiadores. Nela, as mulheres foram excluídas das invenções, tornaram-se invisíveis. Mesmo assim, a história das mulheres e das relações de gênero na ciência mantém-se como um campo que interage com a história social e a história cultural, espaço simbólico aqui definido e explicado através do conceito de campo científico de Bourdieu (1983, p. 12), segundo o qual “é o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência”.

Com poucas exceções, as mulheres não puderam desenvolver pesquisas, nem mesmo como auxiliares, já que eram impedidas de frequentar as instituições de ensino, pois a elas estava destinado assumir o cuidado da casa, dos filhos e do marido. No contexto brasileiro, por um longo período, a educação feminina esteve restrita ao ensino elementar, uma vez que a educação superior era eminentemente masculina. Cabe destacar que as universidades, embora tenham sido criadas no século XII, só passaram a admitir efetivamente as mulheres em seu quadro de discentes e docentes no final do século XIX e início do século XX. Nesse período, de acordo com Schiebinger (2001), poucos homens ou mulheres eram cientistas assalariados em tempo integral.

Desse modo, quando se fala em mulheres nas ciências, é importante lembrar dois nomes. Em primeiro lugar, a egípcia Hipácia (370-415), primeira mulher documentada como sendo matemática, a qual, na

Biblioteca de Alexandria, lecionou também filosofia e astronomia. Chassot (2004) diz que ela aparece como uma estrela feminina quase solitária numa galáxia masculina, em toda a História da Ciência do mundo antigo, medieval e mesmos nos primeiros séculos dos tempos modernos. A outra é a premiada física polonesa Marie Curie (1867-1934), que recebeu dois Prêmios Nobel de Ciência, quais sejam, o Nobel de Física em 1903, juntamente com Pierre Curie e Henri Becquerel, e o Nobel de Química em 1911, pela descoberta do Polônio e do Rádio e pela contribuição no avanço da Química.

São as pistas, os vestígios e os indícios deixados por essas e outras mulheres que motivaram a identificação e a recuperação do grupo das pioneiras, que optaram por ingressar e concluir uma formação universitária em Pernambuco. Anos depois, tornaram-se exemplos, seguidos por outras mulheres, que foram além e se tornaram cientistas das Academias Pernambucanas de Ciências, tema deste artigo.

Para alcançar o objetivo proposto, construir e revelar, a partir de documentos escritos, as trajetórias profissionais das cientistas da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA), da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária (APMV) e da Academia Pernambucana de Química (APQ), destacando suas contribuições na produção do conhecimento e suas relevâncias para a história das Ciências em Pernambuco, foram utilizados dois eixos metodológicos, complementares entre si: a análise dos registros documentais das cientistas no acervo de cada Academia, tomando por base as fontes primárias, tais como documentos oficiais, atas, fotografias, etc., bem como a pesquisa e a análise das informações contidas em seus Currículos Lattes, que registraram suas trajetórias de vida na ciência.

### AS PIONEIRAS PERNAMBUCANAS

Em Pernambuco, nos primeiros anos das décadas de 1940 e de 1950, o interesse das mulheres pela Química, Agronomia, Medicina Veterinária e Medicina, apesar de parecer esquisito para a época, foi encarado com alguma tolerância pelos pais, que desejavam para elas o casamento e o cuidar dos filhos, do marido e das prendas domésticas. Originárias de famílias tradicionais, e pertencendo à elite econômica e intelectual da sociedade pernambucana, as pioneiras se beneficiaram do fato de ser, para elas, natural a obtenção de uma formação superior, uma vez que receberam uma educação moderna para os padrões da época. O apoio da família foi imprescindível, e constituiu um forte incentivo à continuidade dos estudos.

Elas abriram espaço para a participação feminina no então reduto masculino da Química Industrial, da Agronomia, da Medicina Veterinária e da Medicina. Seus ingressos nas salas de aula e suas relações com os professores e colegas, inicialmente, aconteceram transpassadas pelo poder da dominação, que mulheres e homens aprendem desde muito cedo a ocupar e/ou a reconhecer em seus lugares na sociedade (BOURDIEU, 2012). Vinte e cinco anos após a colação do primeiro Engenheiro Agrônomo no ano de 1917, na Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), formaram-se as primeiras mulheres, em plena Segunda Grande Guerra Mundial.

Esse resgate mostra que o estudante, seja ele homem ou mulher, é um ser que está no e com o mundo, como nos lembra Freire (1987), ou seja, está inserido na conjuntura do processo educativo. E foi nesse contexto que se destacaram as pioneiras da história da educação superior pernambucana. Relevante foi o resgate dessas mulheres; pertinente também, pois deixaram à mostra os laços históricos desses cursos com as cientistas dos tempos atuais, que integram a APCA, a APMV e a APQ. Enfim, interessa a esta pesquisa, sob a ótica de Barbosa e Lima (2013), a presença feminina nessas Academias de Ciências e nos Cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Licenciatura em Química, bem como a trajetória de vida dessas mulheres cientistas, sob as perspectivas de Corcuff (2001), Borges (2013), e Marinho (2017).

**Tabela 1.** Pioneiras Pernambucanas.

NOME	CURSO/INSTITUIÇÃO	ANO	OBSERVAÇÃO
Lúcia Schachinik	Química Industrial/ESAP, atual UFRPE 1ª Química Industrial de Pernambuco.	1942	Única aluna da turma.
Ester Sara Feldmus	Agronomia/ESAP, atual UFRPE 1ª Engenheira Agrônoma de Pernambuco.	1944	Única aluna da turma, composta por 22 estudantes.
Sara Botler	Agronomia/ESAP, atual UFRPE 2ª Engenheira Agrônoma de Pernambuco.	1945	Única aluna da turma, composta por 23 estudantes.

Naíde Regueira	Medicina/Universidade do Recife, atual UFPE 1ª Médica de Pernambuco.	1946	Única aluna da turma.
Esther Azoubel	Medicina/UFPE 2ª Médica de Pernambuco.	1958	Uma das 40 alunas da turma de 1958.
Maria Celene Ferreira Cardoso	Agronomia/ESAP, atual UFRPE 3ª Engenheira Agrônoma de Pernambuco.	1948	Únicas alunas da turma, composta por 38 estudantes.
Sônia Artigas de Oliveira	4ª Engenheira Agrônoma de Pernambuco.		
Tereza de Jesus Correia Gayão Loreto	Agronomia/ESAP, atual UFRPE 5ª Engenheira Agrônoma de Pernambuco.	1949	Única representante do sexo feminino da turma de 21 alunos.
Lúcia Pires Ferreira	Medicina Veterinária/UFRPE 1ª Médica Veterinária de Pernambuco.	1953	Única representante do sexo feminino da turma de 16 alunos.

Fonte: Das autoras (2018).

## AS ACADEMIAS DE CIÊNCIAS

Historicamente, as Academias de Ciências mais antigas – a Royal Society de Londres, fundada em 1660, e a Academia de Ciências de Paris, em 1666 – só passaram a admitir mulheres a partir de 1945 e 1979, respectivamente, ou seja, foi preciso que se passassem mais de dois séculos para que essas Academias admittissem figuras femininas como membros (SANTOS, 2016). Do mesmo modo, a Academia Brasileira de Ciências (ABC), fundada em 1916, apenas 35 anos mais tarde, em 1951, admitiu como titulares em seus quadros as primeiras mulheres: a pernambucana Maria Laura Mouzinho, 1ª doutora em Matemática do Brasil, e a gaúcha Marília Chaves Peixoto, também matemática. No âmbito de Pernambuco, há 16 Academias de Ciências, e 03 delas compõem este estudo.

Integram este artigo as cientistas que compõem as três Academias que mantêm relações mais diretas com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), seja por uma questão histórica, relacionada aos Cursos das Ciências Agrárias – Agronomia e Medicina Veterinária -, seja pela relação antiga, como o caso do Curso de Química, uma vez que, na década 1940, funcionou na Escola Superior de Agricultura (ESAP), atual UFRPE, o Curso de Química Industrial, tendo esse contribuído para a criação do atual Curso de Licenciatura em Química nesta Instituição Federal de Ensino Superior (IFES).

Ao lado de um tempo reencontrado no passado, está um espaço que se transforma continuamente na dinâmica do tempo, exigindo uma constante reelaboração de elos identitários. A busca do tempo passado relaciona-se à dos espaços das vivências coletivas e individuais. Portanto, “reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades” (DELGADO, 2010, p. 120). Estudos sinalizam mudanças na maneira como elas, as mulheres, se engajavam na construção de suas trajetórias de vida três décadas atrás e na forma como isso acontece atualmente, afirma Borges (2013).

## METODOLOGIA

Sendo esta uma pesquisa qualitativa, buscou-se compreender o fenômeno – as cientistas -, em seu ambiente natural, as academias de ciências. Para tanto, tomou-se a noção de trajetória de Boudieu (2002, p. 189), “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. Nesse sentido, o autor contribui para pensar a trajetória, diferentemente da narrativa, sendo essa coerente e numa sequência de acontecimentos com início, meio e fim, mas pensá-la como uma narrativa que constrói e ressignifica percursos e experiências.

Aliou-se a essas contribuições o pensamento de Marinho (2017), no sentido de que o trabalho científico tem como início as reflexões que antecedem o trabalho de campo em si, as leituras e as justificativas das escolhas – os teóricos, as fontes de informação e a análise do material coletado -, e tem como ponto de chegada a composição da narrativa em linguagem textual. Essa narrativa é o que se denomina de trajetória de vida, também definida como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa.

O primeiro a utilizar a trajetória de vida, em 1918, foi o sociólogo polonês Thomas Znaniecki, que a classificou como uma questão sociológica. Atualmente, a trajetória de vida e a biografia tornaram-se, ambas, campos de trabalho interdisciplinar, fundamentais nas ciências sociais. Por sua vez, Corcuff (2001) considera a trajetória de vida o reflexo dos cursos de vida, que se referem à trajetória social do indivíduo ao longo de sua vida, ordenada pela idade.

Toda trajetória é orientada pelos itinerários sociais, bem como por rumos assumidos a partir de ações deliberadas pelos indivíduos. Os rumos ou direções assumidas nas trajetórias alteram ou ratificam percursos assumidos pelos indivíduos frente aos seus caminhos (Marinho 2017). A partir das narrativas que englobam a interação social, geográfica e simbólica, a trajetória de vida busca contemplar o modo como os indivíduos traçam suas vidas, experimentam suas existências sociais, subjetivas, emocionais e profissionais.

Desse modo, a construção das trajetórias dessas cientistas, registradas nas narrativas e nos documentos, permitem a percepção de pessoas pertencentes a determinado grupo social, numa coexistência de culturas diferentes e de tempos distintos num mesmo espaço, como algo real (Minayo, 2008).

Utilizou-se como metodologia a análise documental, técnica que, para Bardin (2016), continua a se desenvolver como tarefa moderada no campo científico, uma vez que o tratamento de um acervo documental permanece uma ação restrita desenvolvida por especialistas, ainda relativamente utilizada. Consiste em amplo exame dos diversos documentos primários, os quais não tiveram tratamento analítico, ou seja, não foram analisados e sistematizados, com o objetivo de extrair informações neles contidas, gerando documentos secundários – representações dos primeiros –, com o máximo de informações pertinentes, a fim de compreender os fenômenos contidos no acervo documental estudado.

Segundo Bardin (2016, p. 51), “a análise documental é uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar, num estágio ulterior, a sua consulta e referência”. Para Bardin (2016, p. 51), “se a esta suprimirmos a função da inferência e se limitarmos as suas possibilidades técnicas apenas à análise categorial ou temática, podemos, efetivamente, identifica-la como análise documental”.

É, portanto, esse procedimento que vem munir este estudo de irrefutável pertinência, compilando e armazenando o máximo de informações, a fim de que essas se tornem claras para o leitor. No âmbito desta pesquisa, entende-se como documentos os registros documentais que, de alguma forma, fazem referência às cientistas no acervo de cada Academia, tomando por base as fontes primárias, os documentos oficiais: estatutos e regimentos, atas impressas e eletrônicas e perfil biográfico. Complementam essas informações a análise dos seus Currículos Lattes.

A análise dos documentos seguiu etapas, que vão desde a pré-análise, a exploração do material até o tratamento e indexação das informações. Do mesmo modo, a análise dos Currículos Lattes seguiu as etapas dos contatos, pesquisa e consulta na Plataforma Lattes, finalizando com a análise dos itens que interessam ao estudo.

Para Bardin (2016, p. 51), essa é “uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou um banco de dados”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *corpus* documental analisado teve como características serem textos pertinentes, dotados de credibilidade e representatividade, pois foram produzidos no contexto histórico e social das três Academias de Ciências, objetos deste estudo. Trata-se de escritos para registrar os fatos do cotidiano acadêmico-científico, para salvaguardar a memória institucional e socioeconômica e histórica da época no contexto de cada uma delas.

Localizados e selecionados os documentos nos acervos de cada Academia, procedeu-se à leitura, ao fichamento e à análise de cada tipo de documento. A investigação conferiu um valor histórico aos documentos, à medida que foi realizada uma leitura acurada que, associada ao entendimento das peculiaridades inerentes a cada uma dessas Academias, foi capaz de superar os limites inerentes ao próprio documento que estava sendo analisado.

No contexto estudado, a leitura do Estatuto e do Regimento evidenciou os seguintes trechos relacionados à missão e ao objetivo:

“A missão da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma é contribuir para o desenvolvimento e o progresso da ciência agrônoma”. (APCA, 1984, p. 1)

“Promover ações para a difusão da Química e áreas afins, nos campos da ciência, da educação, da tecnologia e da inovação, por meio de visão sistêmica e integrada ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável, visando à melhoria da qualidade de vida”. (APQ, 2009, p. 2)

“Produzir e divulgar trabalhos no campo da Deontologia, da História e da Ciência Médico Veterinária; estimular o aprimoramento do ensino médico veterinário; manter intercâmbio técnico científico, cultural e social com entidades congêneres e instituições públicas e privadas e homenagear Médicos Veterinários que contribuíram para o progresso da ciência e da cultura”. (APMV, 2018, p. 5)

Os dados coletados nos documentos permitiram também identificar informações específicas, localizadas nas particularidades de cada Academia. No que se refere à trajetória e participação das mulheres na ciência, foi possível destacar dois importantes momentos,

“[...] foi deliberado por unanimidade de votos que a última vaga, seja reservada a um profissional da agronomia de sexo feminino, em atendimento à sugestão proposta pelo acadêmico João de Deus de Oliveira Dias e, em homenagem às devotadas Agrônomas, mercedoras de pertencerem ao quadro da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma”. (APCA, 1984, p. 6).

“A Academia Pernambucana de Química foi a primeira Academia de Ciências de Pernambuco presidida por uma mulher, a Profa. Dra. Arminda Saconi Messias, eleita para 1º mandato no período de 2013 a 2015 e reconduzida para o período de 2015 a 2017”. (APQ, 2016, p. 26).

Da análise dos Currículos Lattes das cientistas, propõe-se produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos através da interpretação, sintetização das informações, determinação de tendências. Com base nessas considerações, seguem-se as análises relativas às cientistas de cada Academia e suas trajetórias.

Das cinco mulheres que integram a APCA, apenas uma é pós-doutora, enquanto as demais possuem doutorado. Observa-se que a área da Fitopatologia ocupa certo destaque, por ser a especialidade de duas delas. As duas primeiras cientistas são docentes da UFRPE, a terceira é pesquisadora da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA), a quarta é docente da UFPE, e a quinta é pesquisadora da EMBRAPA Semiárido. Portanto, existem dois grupos de cientistas: as docentes de Instituições Federais de Ensino Superior e as pesquisadoras de Instituições de Pesquisa do Estado de Pernambuco, como pode ser verificado na Tabela 2.

**Tabela 2.** Instituições de Trabalho das cientistas da APCA

CIENTISTA	PROFISSÃO
Cientista 1	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Cientista 2	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Cientista 3	Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA)
Cientista 4	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Cientista 5	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Semiárido (EMBRAPA/CPTSA)

Fonte: Das autoras (2018).

A seguir, observa-se o Perfil Profissional das Cientistas da APCA.

**Tabela 3.** Perfil Profissional das cientistas da APCA

CIENTISTA	PROFISSÃO	TITULAÇÃO	ESPECIALIDADE	LINHA DE PESQUISA
Cientista 1	Engenheira Agrônoma	Pós-Doutorado	Fitopatologia	Controle de Plantas
Cientista 2	Engenheira Agrônoma	Doutorado	Fitopatologia	Bactérias Fitopatogênicas
Cientista 3	Engenheira Agrônoma	Doutorado	Botânica	Taxonomia Botânica Aplicada
Cientista 4	Engenheira Agrônoma	Doutorado	Bioquímica	Melhoramento de Plantas Cultivadas
Cientista 5	Engenheira Agrônoma	Doutorado	Genética e Melhoramento de Plantas	Manejo de Videiras

Fonte: Das autoras (2018).

Por conseguinte, a análise dos dados da produção científica permitiu a discussão acerca de dois pontos: o primeiro deles relativo aos resumos publicados em anais de eventos, que aparece ao lado dos artigos completos publicados em periódicos como as maiores produções desse grupo de cientistas, enquanto que o segundo apareceu relacionado à produção bibliográfica como um todo, representando excelente percentual, conforme demonstrado na Tabela 4 a seguir.

**Tabela 4.** Produção Bibliográfica das cientistas da APCA

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	TOTAL
Orientações concluídas de Mestrado	146
Orientações concluídas de Doutorado	52
Orientações de Pós-Doutorado	11
Trabalhos publicados em Anais de Eventos	202
Resumos publicados em Anais de Eventos	936
Artigos completos publicados em Periódicos	532
Livros	58
Capítulos de livros	118
Outras	325
<b>TOTAL</b>	<b>2.380</b>

Fonte: Das autoras (2018).

A leitura e análise dos dados do Currículo Lattes, no que se refere às ações para a Popularização da C&T, apresenta-se bastante diversificada, desde a publicação de um livro direcionado a despertar o interesse das crianças para a ciência até exposições visando a atender a outra faixa etária – a escolar -, bem como as entrevistas para o rádio e a TV, deixando entrever que essas cientistas buscam atender todos os públicos.

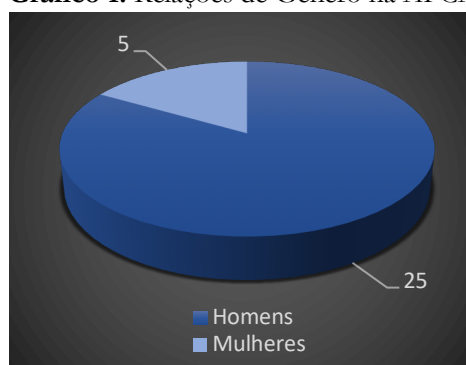
**Tabela 5.** Produção Bibliográfica das cientistas da APCA

EDUCAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Publicação de Livro Infantil
Publicação de Artigo na Revista Ciência Rural
Textos em Jornais
Exposições
Entrevistas para o Rádio e a Televisão

Fonte: Das autoras (2018).

A questão de gênero revelou que, nessa Academia, existem 25 homens e 05 mulheres, ou seja, há uma participação feminina de 20%. Tal quantitativo pode ser visualizado no gráfico 1:

**Gráfico 1.** Relações de Gênero na APCA



Fonte: Das autoras (2018).

No universo da APMV, a leitura dos documentos e dos Currículos Lattes levaram às observações que se seguem. A participação feminina no âmbito dessa Academia esteve presente desde sua criação, em 2001, quando uma cientista tomou posse como fundadora. No ano seguinte, 2002, houve a posse da segunda cientista. Em 2007, tomou posse a terceira cientista. A quarta e a quinta cientistas foram empossadas na mesma cerimônia, no ano de 2010 (APMV, 2018).

No que se refere à titulação, observou-se que uma delas tem pós-doutorado, enquanto que as demais possuem doutorado. Quanto à especialidade, duas são da Patologia Veterinária, uma da Fisiopatologia Médica, outra da Biologia de Fungos e a quinta da Inspeção de Leite e Derivados. Esse contexto é apresentado na Tabela 6 a seguir.

**Tabela 6.** Perfil Profissional das cientistas da APMV

CIENTISTA	PROFISSÃO	TITULAÇÃO	ESPECIALIDADE	LINHA DE PESQUISA
Cientista 1	Médica Veterinária	Doutorado	Patologia Veterinária	Doenças VÍrgas e Bacterianas
Cientista 2	Médica Veterinária	Doutorado	Fisiopatologia Médica	Patologia Comparada
Cientista 3	Médica Veterinária	Pós-Doutorado	Biologia de Fungos	Patologia de Fungos
Cientista 4	Médica Veterinária	Doutorado	Patologia Veterinária	Medicina Veterinária Preventiva
Cientista 5	Médica Veterinária	Doutorado	Inspeção de Leite e Derivados	Microbiologia Aplicada

Fonte: Das autoras (2018).

A análise dos Currículos Lattes dessas cientistas mostrou que utilizam, para a Popularização da C&T, apenas as exposições e as feiras das profissões, ações que se tornam realidade pela existência de equipes de apoio, nas quais essas cientistas atuam como líderes e gestoras, como orientadoras dos alunos, assumindo estes a tarefa de se comunicarem com o público alvo.

**Tabela 7.** Produção Bibliográfica das cientistas da APMV

EDUCAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Exposições
Feiras das Profissões

Fonte: Das autoras (2018).

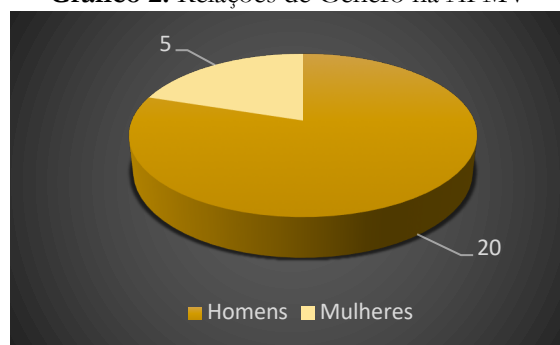
Quanto à produção bibliográfica, observou-se que essa Academia apresentou a menor produção, com apenas 134 documentos. A análise documental revelou, entretanto, que esse quantitativo pode ser justificado pelo fato de todas, durante grande período, terem sido gestoras, dificultando, de certa maneira, a produtividade dessas cientistas.

**Tabela 8.** Produção Bibliográfica das cientistas da APMV

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	TOTAL
Orientações concluídas de Mestrado	09
Orientações concluídas de Doutorado	01
Trabalhos publicados em Anais de Eventos	11
Resumos publicados em Anais de Eventos	53
Artigos completos publicados em Periódicos	57
Livros	01
Outras	01
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

Fonte: Das autoras (2018).

Tal qual a APCA, nessa Academia, a relação de gênero também apresentou o mesmo quantitativo de 05 mulheres para 25 homens, representando 20% do total de cientistas, conforme o gráfico a seguir.

**Gráfico 2.** Relações de Gênero na APMV

Fonte: Das autoras (2018).

Em relação às cientistas que compõem o quadro da APQ, terceira Academia estudada, a pesquisa possibilitou verificar os seguintes resultados. Na leitura dos documentos, percebeu-se a ausência do termo “mulher” nos textos do estatuto e do regimento dessa Academia. No entanto, é o grupo que detém o maior número de participantes femininas desde a fundação, em 2006, ocasião em que foram empossadas três cientistas. As demais tomaram posse nos anos seguintes.

Quanto à titulação, duas delas têm pós-doutorado e as demais possuem doutorado. No que se refere à especialidade, duas são da Genética Molecular e Microorganismos, uma da Interações Químico-Biológicas/Geológicas das Substâncias Químicas da Água do Mar, outra da Química Analítica e outra da Microbiologia. Todas são docentes da UFPE.

**Tabela 9.** Perfil Profissional das cientistas da APQ.

CIENTISTA	PROFISSÃO	TITULAÇÃO	ESPECIALIDADE	LINHA DE PESQUISA
Cientista 1	Química	Doutorado	Interações Químico-Biológicas/Geológicas das Substâncias Químicas da Água do Mar	Tratamento de efluentes
Cientista 2	Química	Doutorado	Genética Molecular e Microorganismos	Genética Molecular
Cientista 3	Química	Pós-Doutorado	Química Analítica	Química do Solo
Cientista 4	Química	Doutorado	Moleculares Métodos e Processos Orgânicos	Microorganismos de importância biotecnológica
Cientista 5	Química	Doutorado	Genética Molecular e Microorganismos	Genética Molecular
Cientista 6	Química	Pós-Doutorado	Microbiologia	Genética Molecular

Fonte: Das autoras (2018).

Uma singularidade chama a atenção na questão de gênero: a participação feminina na gestão da APQ. Uma delas ocupou a 1ª vice-presidência nos períodos de 2006/2009, no início da atuação da Academia; de 2009/2011; de 2011/2013; e de 2013/2015. A outra atuou na presidência da Academia por dois períodos consecutivos, de 2013/2015, tendo ao seu lado outra mulher, e de 2015/2017. Quanto à produtividade, pode-se observar na tabela a seguir:

**Tabela 10.** Produção Bibliográfica das cientistas da APQ

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	TOTAL
Orientações concluídas de Mestrado	111
Orientações concluídas de Doutorado	32
Orientações de Pós-Doutorado	01
Patentes	02
Trabalhos publicados em Anais de Eventos	37
Resumos publicados em Anais de Eventos	280
Artigos completos publicados em Periódicos	129
Livros	10



Capítulos de livros	28
Outras	235
<b>TOTAL</b>	<b>835</b>

Fonte: Das autoras (2018).

Essa Academia apresentou como particularidade a produção de duas patentes. A análise documental indica que, apesar de uma delas haver ocupado a vice-presidência por três períodos seguidos e a outra ter estado à frente da presidência nos dois períodos seguintes, a produção bibliográfica do grupo apresentou bom desempenho, aparecendo como a segunda maior produção bibliográfica, somando 835 trabalhos.

Com relação à Popularização da C&T, a análise dos Currículos Lattes trouxe novidades em termos de ações para essa divulgação, numa demonstração de que essas cientistas buscaram divulgar a Ciência para seus pares e para a sociedade. Essas ações conferem, além da divulgação, também credibilidade e validação dos resultados. Tais resultados podem ser comprovados na Tabela 11 a seguir.

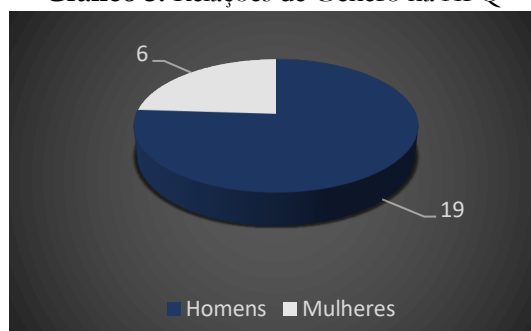
**Tabela 11.** Produção Bibliográfica das cientistas da APQ

EDUCAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Publicação de Manual e Guia de Orientação
Publicação de Artigos em Revistas
Textos em jornais de notícias
Exposições
Cursos de curta duração

Fonte: Das autoras (2018).

A questão do gênero nessa Academia finaliza as observações. Nela, a participação feminina aparece maior, sendo 06 mulheres para 19 homens, num percentual de 31% do contingente feminino de cientistas.

**Gráfico 3.** Relações de Gênero na APQ



Fonte: Das autoras (2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentam-se neste artigo alguns resultados preliminares da pesquisa, que se encontra em andamento. A princípio, pôde-se perceber a importância da reflexão a respeito do tema. Além disso, ficou visível que o exemplo das pioneiras levou a uma maior participação de alunas nos Cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Licenciatura em Química na UFRPE.

Quanto ao gênero, observou-se, com significativa particularidade, que a participação masculina ocupa o maior número em cada Academia deste estudo. Ficou evidente a disparidade do quantitativo na relação de gênero em cada Academia, demonstrando que, em Pernambuco, os homens ainda são maioria no fazer científico, ratificando a percepção dos teóricos com relação à invisibilidade feminina nas ciências. Contudo, elas, as cientistas, apesar do baixo número nessas Academias, são atuantes no fazer e nas ações que visam a popularizar a ciência.

Pode-se observar as trajetórias de vida individuais, pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida e sucessos obtidos. Essas trajetórias, documentadas no acervo das Academias e nos Currículos Lattes, deixaram claro a importância de documentar a experiência e a produção dessas cientistas.

Dessa forma, essa pesquisa e em pesquisas futuras, certamente, virão à tona não apenas a história da dominação masculina, mas, sobretudo, os papéis, a atuação, a produção feminina no contexto da ciência.

Diante dos resultados, espera-se que tais mulheres continuem divulgando suas Academias e, sobretudo, seu papel enquanto Cientistas. Espera-se, ainda, que, ao final da pesquisa, participem da roda de diálogo com as alunas dos Cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Licenciatura em Química da UFRPE, para que, a partir das narrativas de suas trajetórias, despertem o interesse dessas jovens para as Ciências e as motivem para a carreira científica.

## REFERÊNCIAS

- Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. (1984). *Livro de Atas*. Recife: Imprensa Universitária.
- Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. (2012). *Patronos e Acadêmicos: 1983- 2012*. Recife: Comunicart.
- Academia Pernambucana de Medicina Veterinária. (2018). *Cadeiras, patronos e acadêmicos*. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina Veterinária.
- Academia Pernambucana de Química. (2009). *APQ: Estatuto e Regimento*. Recife: Fasa.
- Academia Pernambucana de Química. (2016). *APQ: 10 anos de história (2006-2016)*. Recife: Fasa.
- Barbosa, M. C., & Lima, B. S. (2013). Mulheres na Física do Brasil: por que tão poucas? E por que tão devagar? In S.C. Yannoulas (Coord.), *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré.
- Bardín, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Borges, C. C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 71-81. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287127997008>. Acesso em 24 jun 2019.
- Bourdieu, P. (2002). A ilusão biográfica. In *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGC.
- \_\_\_\_\_. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- \_\_\_\_\_. (1983). O campo científico. In ORTIZ, R. (Org.), *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Corcuff, P. (2001). *As novas sociologias: construções da realidade social*. São Paulo: EDUSC.
- Chassot, A. (2004). *A ciência é masculina? É, sim senhora!* (2a. ed.). São Leopoldo: Ed. Unisinos.
- Delgado, L. A. N. (2010). *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marinho, M.A.C. (2017) Trajetórias de vida: um conceito em construção. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, 13(17), 25-49. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710/12445>. Acesso em: 24 jun 2019.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio de conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (7a. ed.). São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. C. (2016). *Academias de Ciência: origem, evolução histórica e papel na atualidade*. Recife: Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. Palestra com 56 slides.
- Shiebinger, L. (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC.